

Bancos suíços estão reduzindo crédito a países de alto risco

Os bancos suíços estão acompanhando a crise da dívida externa do Brasil com relativa tranquilidade, sustentou ontem o correspondente da AP/Dow Jones em Zurique, Michael Shields.

As principais instituições suíças já começaram a reduzir suas aplicações em países de alto risco e elevar suas reservas para cobrir potenciais prejuízos envolvendo empréstimos a países com problemas financeiros.

Embora as estatísticas compiladas pelo Swiss National Bank demonstrem que os bancos suíços tinham pendentes cerca 3,5 bilhões de francos em créditos a clientes brasileiros no fim de 1985, os cálculos mais recentes disponíveis demonstram que a tendência atual tem sido contrária à concessão de créditos a países com problemas, segundo funcionários bancários dos setores público e privado.

Também confortante para a comunidade bancária foi a receptividade dos bancos em relação às diretrizes baixadas pela comissão fiscalizadora das instituições bancárias suíças no início deste ano. Segundo estas diretrizes, os bancos deveriam elevar de 20 a 30% suas reservas, abrangendo os empréstimos a países de alto risco, efetivas a partir do fim de 1987.

Referindo-se à decisão brasileira de suspender os pagamentos dos juros relativos à sua dívida externa de US\$ 108 bilhões, o vice-secretário geral da Associação de Banqueiros Suíços, Heinrich Schneider, disse à AP/Dow Jones que este é "mais um problema interamericano do que europeu ou suíço".

Durante 1985, os bancos reduziram o total de seus créditos ao Brasil em 668 milhões de francos e diminuíram a diferença entre os créditos e depósitos brasileiros na Suíça em 645 mi-

lhões de francos, segundo as estatísticas.

Para a América Latina como um todo, os bancos suíços reduziram seus empréstimos durante 1985 diminuindo o total de créditos concedidos em cerca de 1,550 bilhão de francos, para 13,778 bilhões de francos. A diferença entre créditos e depósitos na Suíça caíram de 4,640 bilhões de francos para 2,106 bilhões.

O banco central suíço seguiu esta mesma linha de raciocínio ao recusar-se, no ano passado, a tomar parte no pacote creditício negociado pelo Fundo Monetário Internacional para ajudar a Argentina. Contudo, no verão passado, o banco central suíço concordou em emprestar US\$ 30 milhões ao México como parte de um pacote relativo a um empréstimo-ponte.

O Credit Suisse ainda tem cerca de 2,4 bilhões de francos em empréstimos pendentes na América Latina. Joerg Neef, um porta-voz do banco, disse que 6,3% do total de empréstimos pendentes do Credit Suisse no final de 1986 envolviam países recentemente industrializados, incluindo o Brasil, ante 7,1% em 1985.

Ele assinalou ainda que os bancos mantêm suas reservas em francos suíços, moeda que tem sido valorizada em face da queda do dólar. Como os empréstimos foram contraídos em dólares, "a posição de nossas reservas está relativamente mais alta", disse.

Neef expressou ainda confiança em que o Brasil seria capaz de retomar os pagamentos dos juros de sua dívida externa. No entanto, os investidores suíços mostraram-se menos otimistas, exercendo pesada pressão nas vendas das ações dos principais bancos suíços na Bolsa de Valores de Zurique. Os alvos principais dos investidores foram o Swiss Bank, Bank Leu e Union Bank of Switzerland.